

Modalidades de funcionamento psicológico do rapaz na fase pubertária (*)

VICTOR MOITA (**)

Esta comunicação refere-se a parte das conclusões principais de um estudo sobre a *personalidade do rapaz púbere*, que constitui o trabalho de tese de doutoramento de 3.º ciclo (Moita, 1982) por mim apresentado na Universidade de Paris V — Sorbonne, em Maio de 1982.

Partindo da hipótese de que a *puberdade* e a *adolescência* — ao contrário do que frequentemente se considera — correspondem, de um ponto de vista psicológico, a duas fases distintas do desenvolvimento do indivíduo (Moita, 1979), procurei identificar algumas características distintivas do funcionamento psicológico do rapaz na fase pubertária.

1. *Posição do problema, quadros teóricos de referência e metodologia*

O conceito de *personalidade como variável intermediária* (Fraisse e Piaget, 1967),

(*) Comunicação ao II Congresso Português de Psiquiatria da Adolescência e Juventude. Universidade Nova de Lisboa. 28-30 de Outubro de 1982.

(**) Psicólogo do Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa. Diplomado pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada de Lisboa e doutorado (3.º ciclo) em Psicologia pela Universidade de Paris V — Sorbonne.

e o *modelo diádico* de Marlowe e Gergen (1969) — que, aceitando a solidariedade existente entre o indivíduo e o meio na génese, organização e funcionamento da personalidade, põe, no entanto, em evidência o papel desta última na determinação das modalidades de comportamento emergentes na relação interindividual — constituem globalmente o quadro teórico da minha investigação.

O teste sociométrico de Moreno e o teste projectivo de Rorschach constituíram as técnicas que me permitiram a operacionalização das variáveis em jogo: as variáveis identificáveis ao nível do comportamento aberto (teste sociométrico) e as variáveis referentes aos processos de elaboração psíquica ou interna (teste de Rorschach).

Resumindo direi que o meu objectivo é *estudar o modo de funcionamento psíquico do rapaz púbere*. Quanto ao objecto, partindo da hipótese da existência de uma relação de *retroacção ou feed-back* entre o estatuto sociométrico e a personalidade dos indivíduos, estudo os resultados obtidos através do *teste sociométrico de Moreno* e do *teste projectivo de Rorschach* numa população de rapazes pré-adolescentes. Este estudo incide assim sobre os dados referentes a uma amostra de 72 rapazes, com idades compreendidas entre os 13;1 e os 15;0, es-

colhidos entre uma população inicial de 142 rapazes, com idades compreendidas entre os 10;6 e os 15;7, todos estudantes de uma escola secundária de Lisboa. Cada um dos 72 rapazes escolhidos foi considerado como estando na fase pubertária. Como critério de escolha retive a existência, reconhecida pelo próprio sujeito, de pelo menos um dos seguintes sinais pubertários: pilosidade pubiana, emissão espermática (espontânea ou provocada), buço, indícios de mudança de voz.

De um ponto de vista teórico, a relação entre o *objecto* de estudo e o *objectivo* fundamenta-se nos seguintes postulados:

— As diferentes posições sociométricas dos sujeitos traduzirão — ao nível do comportamento aberto — posições relacionais igualmente diferentes;

— As diferentes modalidades de resposta ao Rorschach traduzirão — ao nível da elaboração psíquica — modos de funcionamento da personalidade igualmente diferentes;

— Existe uma relação de *retroacção* ou de *feed-back* entre o estatuto sociométrico e a personalidade, ou vice-versa;

— O modo de funcionamento psíquico dos rapazes púberes terá características específicas que os diferenciará de outros grupos de indivíduos de níveis evolutivos diferentes, distinguindo-se nomeadamente dos rapazes adolescentes.

O nosso objectivo primeiro será finalmente o de identificar, através do teste de Rorschach e do teste sociométrico de Moreno, algumas das características diferenciais do modo de funcionamento psíquico do rapaz púbere.

Neste contexto realizei a investigação em duas etapas fundamentais.

Na primeira, com um carácter de estudo normativo, identifiquei as *modalidades de reacção ao Rorschach* características da minha amostra. Estas modalidades foram identificadas ao nível quer das reacções às características ditas objectivas dos estímulos que constituem o teste, e da dinâmica

projectiva subjacente à elaboração das respostas, quer ao nível da determinação dos valores normativos referentes a cada um dos índices mais frequentemente utilizados na elaboração do psicograma final do teste de Rorschach. Este estudo permitiu-me definir alguns vectores fundamentais do funcionamento psíquico dos rapazes na fase pubertária, pelo menos tal como esta se manifesta na minha amostra.

Na segunda etapa, o estudo prosseguiu de acordo com uma perspectiva comparativa, considerando aqui as diferentes posições sociométricas como instrumento de análise quer dos índices de Rorschach estudados segundo um ponto de vista estrutural e categorial, quer da dinâmica projectiva expressa de uma forma global no conjunto do protocolo.

Considerarei que as modalidades de resposta ao Rorschach nos forneciam informações globais acerca da personalidade dos sujeitos.

Em contrapartida, o teste sociométrico de Moreno foi utilizado como um *analisador*, isto é, como um instrumento provocando, no desenho experimental, a variabilidade dos resultados. Esta metodologia permitir-me-ia identificar as dimensões fundamentais que caracterizarão o modo de funcionamento psíquico dos sujeitos. Trata-se aqui da introdução da noção de *invariante* referindo-se às mais fundamentais de entre essas dimensões. Essas dimensões fundamentais serão aquelas que mais resistem às modificações resultantes da variabilidade sociométrica.

2. O Rorschach como espaço de interacção entre o real e o imaginário

Antes de passar ao enunciado resumido das conclusões principais deste estudo, deixo-me um pouco na justificação da utilização do teste de Rorschach para a operacionalização das variáveis referentes aos processos de elaboração psíquica.

Esta necessidade de justificação deve-se ao facto de certos meios ligados à investigação e à prática da psicologia — e não só — recusarem a utilização das técnicas projectivas em geral, e do teste de Rorschach em particular, a pretexto de uma suposta pobreza do seu quadro teórico de referência, de uma reduzida operacionalidade, e de uma significação cientificamente duvidosa dos dados assim recolhidos.

Para não alongar muito esta exposição, começarei por dizer que, na utilização do teste de Rorschach, me coloco entre os que admitem que a metodologia subjacente às técnicas projectivas será diferente daquela que fundamenta as provas psicométricas em sentido restrito. No entanto, estes dois tipos de técnicas não se opõem. A maleabilidade e sensibilidade clínica das primeiras compensará, em última análise, uma certa rigidez e o rigor estatístico das segundas, na abordagem do facto ou do fenómeno psicológico.

A este propósito afirma Rausch de Traubenberg, professora de técnicas projectivas na Sorbonne: «o Rorschach, ao qual alguns recusam o qualificativo de perceptivo, enquanto outros lhe negam o qualificativo de projectivo, não é mais considerado como um teste, mas como uma *técnica clínica*. Enquanto tal, esta técnica é cada vez mais utilizada nas investigações clínicas e nas pesquisas fundamentais, testando hipóteses teóricas específicas das mais simples às mais complexas, e conduzindo por isso a reformulações e a realaborações que num segundo tempo — e apenas num segundo tempo — se prendem com as noções de diagnóstico» (Rausch de Traubenberg, 1974, p. 16).

A este respeito considero que os problemas levantados em relação à validade das técnicas projectivas estão antes de mais ligados à sua utilização sem que sejam enquadradas por uma teoria psicológica claramente definida e que daria um sentido cientificamente útil aos dados recolhidos.

Estou de acordo com os que consideram (Holzberg, 1968) que estas técnicas se podem fundamentar numa ou noutra das posições teóricas da psicologia contemporânea, sem que nenhuma delas constitua o seu único fundamento. As técnicas projectivas podem assim ser estudadas ou analisadas de diferentes pontos de vista, tal como qualquer outro fenómeno psicológico ou processo psíquico.

No entanto, muitos dos seus utilizadores — e também a maioria dos seus críticos mais violentos — crêem-se frequentemente dispensados de identificar previamente os seus quadros teóricos de referência. Partem assim do princípio injustificado e injustificável de que as técnicas — quaisquer que elas sejam — contêm em si mesmas um valor heurístico que em nenhuma circunstância será legítimo atribuir-lhes.

Quanto a mim, e para ser breve, direi que utilizo o teste de Rorschach partindo da análise do que se passa — em termos fenomenológicos e numa perspectiva psicológica e afectiva — na situação de teste, tal como ela se nos apresenta neste caso específico. Recorro assim à *noção de angústia* que considerarei como um conceito-chave na interpretação dos dados do Rorschach.

Neste contexto, utilizo o termo *angústia* para me referir:

— a um *estado afectivo*, e não a uma representação psíquica;

— a um *estado afectivo circunscrito*, reproduzido artificialmente numa situação experimental — a situação de teste — e não a um estado afectivo permanente, ou mesmo a um sintoma.

O que coloco como postulado é que o *racional* desta técnica projectiva supõe o desencadeamento de um primeiríssimo movimento do sujeito em relação à *consigne* e à mancha que constitui o material-estímulo do teste. Este movimento caracteriza-se quer pela desorganização perceptiva e cognitiva, quer pela desorganização emocional do sujeito testado, desorganização essa que

traduz uma experiência de *angústia enquanto afecto fundamental*. Uma angústia circunscrita, como acabo de referir, e primordialmente ligada a uma representação de *caos*, a uma representação de *corpo desorganizado*.

A partir desta situação experimental pode observar-se — e mesmo fixá-los no protocolo resultante do teste — os movimentos de desorganização versus organização dos sujeitos, e vice-versa.

O teste de Rorschach constitui deste modo um instrumento fundamental para estudar o funcionamento psíquico dos indivíduos. Deve considerar-se mesmo uma das concretizações exemplares da metodologia específica da psicologia enquanto ciência, e em total conformidade com o seu modelo epistemológico.

Trata-se aqui — para utilizar uma expressão recente de Rausch de Traubenberg⁽¹⁾ — de considerar o Rorschach como espaço de interações: interações entre o real e o imaginário, entre o corpo conhecido e o corpo vivido, ou, em outros termos, entre o corpo real e o corpo fantasmatisado, segundo as modalidades de funcionamento psíquico dos sujeitos testados.

Considero assim, que o racional do Rorschach se baseia, antes de mais, no desencadeamento de uma experiência de angústia seguida, de imediato, do desencadeamento da função projectiva. A função projectiva é aqui definida como *utilização defensiva da percepção*, no sentido dado por Sami-Ali (1970): isto é, o eu tem a possibilidade de organizar um espaço que lhe é oferecido do exterior — a mancha — a partir da organização de um espaço representado e cujos marcos ou balizamento resultam da experiência de corpo próprio.

Em resumo, direi que ao considerar o conceito de angústia como nuclear na interpretação dos dados do Rorschach, me

estou a referir a um estado afectivo negativo, isto é, a uma espécie de energia psíquica que, num primeiro movimento, desorganiza o eu. Este estado afectivo, assumindo para o sujeito — isto é, para o eu — um valor de sinal, desencadeia a função projectiva. Este afecto negativo — isto é, a angústia — está associado, no Rorschach, a uma representação do corpo desorganizado. Trata-se aqui de uma situação experimental, circunscrita, digamos *miniaturizada*, que conduz o sujeito a reproduzir os movimentos e os estádios que levam à reorganização do eu.

3. *Puberdade: maturidade perceptivo-cognitiva versus desorganização afectiva*

Depois desta descrição sumária dos aspectos teóricos e metodológicos subjacentes a este estudo, passo agora a referir as conclusões a que cheguei.

3.1. *Maturidade perceptiva e cognitiva*

Antes de mais, no que respeita à reacção às características ditas objectivas dos estímulos que compõem o material do teste de Rorschach, pode afirmar-se que os rapazes púberes reagem genericamente segundo as mesmas leis perceptivas e cognitivas que os adultos. Concluimos assim que os rapazes atingem na fase pubertária, uma espécie de maturidade psicológica, nos domínios perceptivo e cognitivo, que lhes permite utilizar os processos e os mecanismos psicológicos que se supõem subjacentes ao racional do teste. O rapaz púbere comporta-se com efeito, neste domínio, como um adulto.

3.2. *Dificuldades circunstanciais de organização perceptivo-formal e experiência de corpo em transformação*

Um segundo aspecto das conclusões articula-se à volta de um determinado número de situações que, apesar da maturidade

(1) X Congresso Internacional de Rorschach. Washington. Setembro, 1981.

constatada na alínea anterior, conduzem à verificação de dificuldades no domínio da organização perceptivo-formal.

Poder-se-ão interpretar estas falhas circunstanciais da função perceptiva como um sinal de dificuldades experimentadas pelos sujeitos no processo de organização da mancha-estímulo enquanto espaço de projecção do corpo representado. Estas dificuldades estarão seguramente em relação com o que poderemos designar como a *omnipresença do corpo real*, em virtude das transformações biofisiológicas em curso no rapaz púbere. A importância destas transformações conduzirá a uma falência da elaboração mental traduzida na impossibilidade que terá o sujeito de se distanciar — por via do imaginário ou da função fantasmática — do corpo real enquanto lugar das transformações vividas.

3.3. Dificuldade de elaboração dos afectos

Um terceiro aspecto das conclusões está em relação com a elaboração das pulsões ou, genericamente, dos afectos:

— Aqui começarei por referir que o estudo normativo dos resultados leva-nos a verificar que os rapazes da nossa amostra se orientam simultaneamente no sentido não apenas do *controlo* mas também da *redução* do afecto;

— Estas tentativas de redução e controlo do afecto assumem um carácter exacerbado, e estão associadas a um grande investimento dos processos de organização formal e intelectuais, que, no entanto — e paradoxalmente — falham com muita frequência.

Estamos assim perante indicadores da perturbação da vida emocional do sujeito, sinalizando a desorganização do eu perante a erupção das pulsões.

3.4. Redução da função fantasmática

Um quarto aspecto das conclusões apoia-se no carácter restritivo ou coartado dos

protocolos de Rorschach obtidos. Aqui encontramos-nos perante se não uma ausência, pelo menos diante de uma travagem da vida psíquica em geral, diante de uma travagem do imaginário, de uma redução da função fantasmática.

3.5. Da problemática de corpo à representação de si

Um quinto aspecto das conclusões refere-se à identificação da problemática dos sujeitos: uma problemática que se articula à volta do corpo, da procura dos limites ou da representação de si.

4. Puberdade, registo psicossomático e banalidade

Para terminar, retomo de uma forma mais interpretativa, as observações que acabo de fazer. Tomadas no seu conjunto, estas conclusões transformam-se numa nova hipótese de trabalho: o funcionamento psíquico do rapaz púbere caracterizar-se-ia finalmente por uma importante redução da função fantasmática, devido à omnipresença do corpo real, vivido como lugar das grandes transformações biofisiológicas.

Na puberdade instalar-se-ia um modo de funcionamento psíquico de aspecto psicossomático caracterizado por:

— uma vivência e uma utilização do corpo como lugar da descarga emocional;

— uma redução da capacidade de distanciação do sujeito em relação aos acontecimentos e, nomeadamente, em relação às situações geradoras de tensão. Esta redução da capacidade de distanciamento está directamente ligada a uma redução da capacidade de elaboração mental das experiências, dos afectos, e particularmente dos conflitos;

— um equilíbrio psicológico e social mantido à custa de uma redução da vida interior, e de um agarrar-se desesperadamente a modelos estereotipados de pensamento e de adaptação social.

Este modo de funcionamento psíquico, embora eventualmente eficiente — na medida em que permita um certo equilíbrio mental e social dos indivíduos — conduz, no entanto, a modalidades de comportamento psicológica e afectivamente pobres, e banais de um ponto de vista sociocultural.

BIBLIOGRAFIA

- FRAISSE, P., PIAGET, J., (Ed.) (1967) — *Traité de psychologie expérimentale*, Vol. I. PUF, Paris.
- HOLZBERG, J. D. (1968) — «Psychological Theory and Projective Techniques», in: Rabin, A. I. (Ed.), 1968.
- LINDZEY, G., ARONSON, E., (Ed.) (1968) — *The Handbook of Social Psychology*, 2nd ed. Addison-Wesley, Massachusetts.
- MARLOWE, D., GERGEN, K. J. (1969) — «Personality and Social Interaction», in: Lindzey, G., Aronson, E., (Ed.) (1968).
- MOITA, V. (1979) — «Puberdade versus adolescência: algumas reflexões sobre o espaço semântico dos conceitos». Texto de apoio distribuído no 1.º Congresso Português de Psicopatologia do Adolescente, Novembro 1979, Figueira da Foz.
- MOITA, V. (1982) — «Modalités de Réponse au Rorschach et Statut Sociométrique chez les Preadolescents: Contribution à l'Étude de la Personnalité du Garçon Pubere», These pour le doctorat de 3ème cycle. Université Paris V — Sorbonne.
- RABIN, A. I. (Ed.), (1968) — *Projective techniques in Personal Assessment*, Sringer Publishing Company, Inc. Nova Iorque.
- RAUSCH DE TRAUBENBERG, N. (1974) — «Developpements récents dans la théorie et l'utilisation clinique des techniques projectives», Communication faite à Strasbourg dans le cadre des sessions organisées par la Société Française de Rorschach et des Méthodes Projectives. Texte non publié, gentilmente mis à notre disposition par l'auteur.
- SAMI-ALI (1970) — *De la projection*, Payot, Paris.

CIÊNCIA actual

UMA REVISTA PORTUGUESA
DE DIVULGAÇÃO
E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA

- PARA O ESTUDANTE
- PARA O PROFESSOR
- PARA TODA A GENTE

ASSINATURA ANUAL (6 NÚMEROS)
650\$00

R. CARLOS PEREIRA, 3-4.º Dt.º • TEL.: 78 73 54 (Manhã) — 1500 LISBOA